

A ONTOLOGIA DO ESPAÇO NA COSMOLOGIA ARISTOTÉLICA

A temática deste artigo centra-se na ontologia do espaço na cosmologia aristotélica. Entendendo-se por cosmologia, o estudo do universo ordenado; e por ontologia, o tratamento dado ao ser enquanto ser, isto é, o ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres.

Portanto, objetiva-se averiguar como Aristóteles fundamenta sua ontologia do espaço a partir da lógica formal, cujo raciocínio leva à dedução, constituindo a sua cosmologia. Para tal pressuposto são averiguadas a obra “Física”, que é apresentada como a ciência dos princípios mais gerais para o estudo da natureza, entendida como as primeiras causas, ou seja, a material, a formal, a eficiente e a final, sendo que esta rege os movimentos do universo, sabendo-se que a *physike episteme* se encontra intimamente ligada à cosmologia, na qual a diferença de natureza entre a terra e os corpos celestes ocupa um lugar central; o tratado “Do céu” que trata da cosmologia propriamente dita, ou seja, do ordenamento do universo, ao qual contém o estudo dos cinco elementos, a doutrina da eternidade do mundo e sua finitude espacial; e o tratado “Da geração e corrupção”, cuja discussão gira em torno da geração e corrupção dos corpos naturais presentes na região sublunar, região onde estão os elementos inferiores, a terra, a água, o ar e o fogo, que conforme demonstração do estagirita, são os constituintes das coisas geradas por meio de sua mútua combinação e transformação.

Como principais resultados apresenta-se que Aristóteles concebe o universo como regido pela finalidade, a qual os vários movimentos são interdependentes, sendo que em sua cosmologia, o universo é constituído por duas regiões distintas, a sublunar constituída pela geração e corrupção, a que participam a terra, a água, o ar e o fogo, caracterizada por movimentos retilíneos e descontínuos, e a supralunar, caracterizada por movimentos circulares e contínuos, correspondente ao éter. Deste modo, todos os corpos naturais e grandezas são capazes de movimento próprio no espaço, sendo que a natureza é seu princípio de movimento.

Além disso, a ciência da totalidade do ente engloba além dos cinco elementos, uma teologia fundamentada no mais nobre e suficiente dos entes, que é Deus, mas que, por sua vez, não cria o universo, que é eterno, indestrutível e não gerado. No entanto, nada que não se situe no espaço é sensorialmente perceptível, sendo o corpo do universo

finito. Existe somente um mundo, em que os elementos sublunares ocupam seu lugar natural, cabendo à terra o lugar central, e em seu entorno a água, em torno da água o ar e por último o fogo, até chegar ao limite da região supralunar, a qual encontra *uranos*, a substância da circunferência extrema do universo.

Assim, todos os corpos naturais são capazes de movimento próprio no espaço, sendo a natureza o seu princípio de movimento. Consequentemente, tudo quanto existe fora do céu é de tal natureza que não ocupa espaço, ou seja, não existe nem vazio e nem lugar.